

Hiato Operacional & Contra-ataque Hiatal

CRÔNICA DE UM ACHADO

Ainda era noite naquele final de madrugada de setembro de 1996, mas logo despontariam os primeiros clarões avermelhados de mais um dia de sol sobre Massaguaçu, uma das praias da cidade balneária de Caraguatatuba, litoral norte de São Paulo. Mesmo assim, aquele dia prometia ser quente no decorrer, ainda que no momento estivesse fresco pelas chuvas caídas por toda a noite¹.

Hospedado na casa de praia de meu irmão Paulo Roberto², de onde podia ouvir as ondas do mar e até contemplar sua envolvente imensidão, o fato é que naquele final de madrugada, início da alvorada, levantei-me muito cedo por conta de certa inquietação interior que sempre se me mostrava quando alguma idéia estava se formando, se agitando por nascer.

Após coar o tradicional café da manhã³, com todos ainda dormindo mas já dia claro, e ritualisticamente saboreá-lo naquela mesa redonda com tampão de mármore, por fim sentei-me voltado para o sul naquele espaçoso alpendre perpendicular às portentosas e verdes montanhas a oeste contornando a bela Massaguaçu, e o mar à minha esquerda. E assim, acompanhado apenas da claridade que já despontara, estava lá eu com papel, lápis, recortes de jornais, meu indefectível mini-tabuleiro de xadrez e muito aberto às inspirações que sentia estavam se movimentando em ondas de aproximações cada vez mais próximas de seus afloramentos.

De repente peguei ao léu, sem qualquer intenção, um dos recortes⁴ dentre os que trouxera de Curitiba, e calmamente, mas muito atento, passei

à reproduzir os lances dessa que se consolidou a mim como uma partida histórica.

Quando o destino escolhe alguém para se mostrar como descoberta, tudo o que acontece no entorno é produto do maravilhoso! Assim foi naquela manhã de primavera de 1996. Mas como já acontecera no inverno de 1979, data da descoberta do nível operacional e desde então já passados mais de dezesseis anos, minha primeira atitude diante de uma partida jogada⁵, como esta a minha frente, ainda continuava e continua a mesma: reproduzir passivamente os seus lances, conhecê-la na sua literaridade enquanto seqüência de lances que retrata um resultado esportivo. Fazer assim é reconhecer que o que existe é a partida jogada; que ela é o objeto do conhecimento, que ela é que nos irá transmitir seu conteúdo na forma de conhecimento! Em respeito à partida jogada e ao esforço dos dois esportistas, minha primeira aproximação é restrita apenas aos lances de sua constituição, os lances que estão impressos, abolindo todos os provenientes da especulação analítica, estejam impressos ou de minha própria lavra.

Essa reprodução filosófica da partida é uma reprodução quieta, de zeloso respeito e atenta aceitação do que aconteceu. Fazendo assim, a partida retribuirá se portando como espelho retrovisor iluminando a já de sua segunda reprodução.

Inspirado por aquele ambiente de primavera no litoral, iniciei a reprodução filosófica da partida Granda - Kamsky. Jamais poderia imaginar que, ao seu término, teria descoberto um acontecimento tão lógico quanto natural, cuja explicação em tese chegou a entusiasmar meu irmão que mal sabia movimentar as peças do xadrez.⁶

¹ Por estar localizada em plena Mata Atlântica, chove muito em Caraguatatuba, tanto que a cidade tem o apelido de "caraguatachua"! Mas o litoral norte de São Paulo é tão maravilhoso que esta chuva faz parte de suas belezas, porque quando o sol começa a aquecer, logo vem a chuva restabelecendo aquele frescor de uma temperatura agradável!

² Este artigo é escrito *in memoriam* de meu querido irmão Paulo Roberto de Andrade Marinho, o primeiro a conhecer, o primeiro a entender, o primeiro a se entusiasmar pelo hiato operacional, embora apenas soubesse mover as peças sobre o tabuleiro. Meu irmão entendia tudo o que eu falava, sempre me honrava com sua enorme capacidade de entendimento. Também deixou uma enorme saudade!

³ Por esta época, em meu ritual do café da manhã ainda empregava a rubiácea já moída; atualmente utilizo o café em grãos!

⁴ Coluna de xadrez do MI Herman Claudius van Riesmlyk, "O Estado de São Paulo", 10 de Setembro de 1996, página E5, estampando a partida, Julio Granda Zuñiga-Gata Kamsky, Memorial Donner, celebrada em Amsterdã, 27 de Agosto de 1996.

⁵ Partida jogada é a que está concluída ostentando seu resultado esportivo.

⁶ Escrevo em 28 de dezembro de 2006 estas lembranças da descoberta do hiato operacional ocorrida dez anos antes, em setembro de 1996. Até antes de vir à luz este artigo, agora resumido para o Ciclo de Palestras do Clube de Xadrez em 29 de outubro de 2008, somente eu e meu irmão conhecíamos o conceito hiato operacional, porque desde 1996 nada disso consta na literatura especializada.

TEORIA DO HIATO OPERACIONAL - 1

A condução da partida começa pela fixação de seu resultado esportivo pelo jogador atuando ao nível de disputa de torneio. O resultado esportivo é tomado como objetivo final da partida e este decomposto em objetivos intermediários, cada qual definindo um plano de jogo. A operacionalização é a busca de cada um desses objetivos intermediários visto como plano de jogo (conceito estratégico)⁷ ou ciclo estratégico (conceito operacional)⁷.

Na operacionalização do plano de jogo subsiste uma lógica sutil, quase que transparente pela invisibilidade com que se apresenta, mas que assessoria fortemente a condução da partida em geral e o plano de jogo em particular de maneira quase que sempre decisiva.

A percepção deste fenômeno se deu, pela primeira vez, na partida Granda - Kamsky (Amsterdã 1996), o que redundou na descoberta de um importante elo da operacionalização da partida, ao qual denominei de "hiato operacional".

TEORIA DO HIATO OPERACIONAL - 2

Para demonstrar mais facilmente toda a lógica do hiato operacional vamos nos fixar no interior do plano de jogo e sua decisão, com reciclagem da partida, cujo alvo é a conquista do objetivo intermediário ao qual está colimado.

Vamos esquecer, por enquanto, sua projeção no espectro da partida, na disputa de torneio e até mesmo ao nível de carreira enxadrística.

Nas manobras que caracterizam o desenvolvimento do plano de jogo em busca de seu objetivo podemos notar claramente que a força tarefa⁸ empregada pelo jogador naquela conquista, tem ou deve ter um poder operacional⁹ fortemente direcionado (iniciativa) e muito especializado (coordenação de peças) no objetivo alvo de conquista.

⁷ Esta engrenagem na condução da partida gera o fenômeno da reciclagem estratégica, na qual cada ciclo é capitaneado por um objetivo intermediário até chegar ao ciclo final capitaneado pelo objetivo final, o qual retrata um resultado esportivo. Trabalhei arduamente nessa trama sistêmica visando a competição como um todo, até conseguir chegar à "análise estrutural do xadrez de competição".

⁸ Força tarefa: peças reunidas num espaço do tabuleiro e momento da partida na logística da conquista de um objetivo estratégico.

⁹ Poder operacional = iniciativa + coordenação das peças. Capacidade de realizar, assunto relevante do xadrez operacional.

¹⁰ Por exemplo: um peão fraco é o objetivo de conquista de uma força tarefa. No momento em que esse objetivo é conquistado (capturado) ele desaparece da superfície do tabuleiro.

¹¹ Hiato operacional, *lato sensu*, é o decaimento do poder operacional do dispositivo na conquista de um objetivo. No *stricto sensu* do texto, é o decaimento do poder operacional do dispositivo no momento da conquista do objetivo que é meta da reciclagem.

O ponto forte da operacionalização é satisfazer esta necessidade para assim garantir o mais alto grau de eficácia na conquista!

Entretanto, considerando que o objetivo deixa de existir após ser conquistado¹⁰, verifica-se que, inexistindo o objetivo, também deixa de existir o poder operacional da força tarefa vencedora posto que especializada naquele objetivo!

Em outras palavras: no exato momento em que a força tarefa atinge a "posição pós-variante" (Romanowsky, P.; *Combinaciones en el Medio Juego*; p. 174; Editorial Martinez Roca; Barcelona 1984) de sua conquista, perde a condição de força tarefa e passa, naquele momento, a um amontoado de peças momentaneamente desorientada pela ausência do objetivo. É nesse exato momento, no caso da posição pós-variante, que desponta o hiato operacional¹¹ no dispositivo vencedor!

É curioso verificar que o ganho estratégico exibido pelo dispositivo vitorioso, cumprindo mais um ciclo da partida em direção a seu resultado esportivo, também exhibe, no exato momento da sua conquista, uma significativa perda de poder operacional que chega dar ao derrotado chances de reversão dos acontecimentos, ou pelo menos chances de preparação da mais dura das resistências às novas ondas de assalto.

PRÁTICA DO HIATO OPERACIONAL

O hiato operacional que estamos estudando é a cara da moeda na qual a reciclagem estratégica da partida é sua coroa! Uma é vice-versa da outra!

O hiato operacional pode ser previsível como tema o que lhe confere o *status* de objetivo estratégico (intermediário ou final) num tratamento dinâmico da condução da partida.

Granda Zuñiga - Kamsky Memorial Donner, Amsterdã 1996

Ao iniciar esta partida pela 9ª rodada, de um total de onze, Kamsky liderava com 5,5 pontos. Em segundo, Ivanchuk com 5,0 e a seguir Granda Zuñiga com 4,0 pontos ganhos. Tudo indica que Kamsky jogaria pelo empate, sobretudo depois de ver Ivanchuk empatar em 15 lances contra Piket e estar de negras contra um dos líderes do torneio.

Por outro lado, se Granda Zuñiga tinha alguma pretensão no primeiro posto no torneio, teria de vencer Kamsky, derrubar o líder, além do que jogava de brancas.

1.d4 2.f6 3.♖f3 b6 4.g3 ♘a6

Este lance, que pressiona o peão-c4 e tem reflexos sobre a futura ♗f1 depois do roque, revela o desejo de tomar a iniciativa desde logo, sobretudo na ala de dama. Ainda que até aqui tudo seja teórico, essa escolha permite desconfiar que negras têm pretensões à vitória, como se desde agora passasse a operacionalizá-la como seu objetivo final.

5.b3 6.♙b4+ 6...♙d2 7.♙e7 7...♙g2 c6 8.♙c3 d5

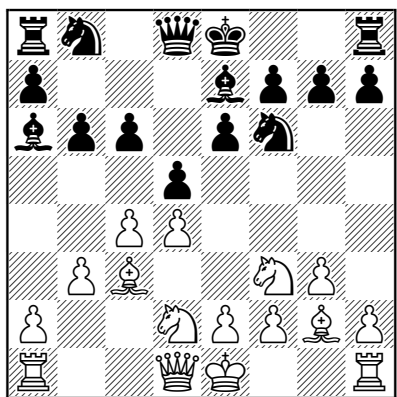


Diagrama 1

No seu único comentário à partida assim se expressou o colunista MI Herman Claudius a respeito deste lance: "No match entre Karpov e Kamsky pelo campeonato mundial, em Elista, esta posição apareceu por quatro vezes no tabuleiro. Duas vezes com Kamsky jogando com as peças brancas e duas vezes com as pretas. Em todas jogou-se 9. ♗e5. Três delas terminaram sem vencedor, ven-

cendo Kamsky, de brancas, a 16ª partida do encontro".

Com o lance do texto Kamsky aumenta a pressão sobre c4, fixa d4 e prepara desde já a ruptura com peão-c5. Toda essa operacionalização, mais as considerações do MI Herman Claudius sobre a experiência das negras com a variante e a instituição da ala de dama como zona de pressões operacionais¹², tornando-a apta como local de uma decisão tática favorável, nos leva à forte sensação de que Kamsky estaria jogando mesmo para ganhar e desde já vencer o torneio.

9.♗bd2 ♗bd7

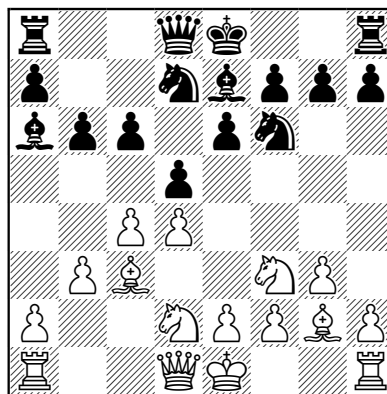


Diagrama 2

Pela severidade dos lances 4...♙a6 e 8...d5, poder-se-á dizer que com estes lances negras estão desenvolvendo determinado plano! E o que é plano na partida de xadrez? "É uma ordem meditada de ações para atingir determinado fim" (Kasparov, G.; *24 Lecciones de Ajedrez*; Hispano América, 1990; p. 61). Por ser esta uma definição vaga¹³, ficamos pensando que o "plano", para ser substantivamente reconhecido, deveria ser definido pelo seu objetivo e não pelas ações que buscam o seu objetivo, como afirmou Kasparov! No entanto, quando nos aprofundarmos mais na questão, percebemos que "plano" e "objetivo" tem a mesma natureza, e nessa direção a definição de Kasparov volta a crescer!

¹² Zona de pressões operacionais, também na pauta como conceito do livro *Xadrez Operacional* em preparação, é a região do tabuleiro no qual opera a força tarefa do jogador.

¹³ As palavras de Kasparov, a princípio, são vagas pois também poderiam definir o nível operacional!

Nesse sentido, o que se pode dizer é que "plano" é um conjunto de "objetivos menores" articulados para a consecução de um "objetivo maior" localizado no futuro da partida! Mas o vigor desta concepção está vinculada à concepção de que "plano" é gênero de duas espécies: "idéia básica" e "plano de jogo", mas isto já é outro assunto!

Voltando à partida, para sabermos de forma substantiva qual é o plano das negras devemos saber quais são os seus objetivos! Os lances citados 4...♗a6 e 8...d5 dão todas as indicações de buscar a iniciativa a qualquer custo na ala de dama cuja única razão é a operacionalização dos objetivos de vitória ou supervantagem¹⁴! Então esse plano negro mais geral é definido pelo seu objetivo: a vitória ou a supervantagem!

No caso específico desta partida diríamos que esse "plano" na verdade é uma "idéia básica", cuja definição poderia ser a de Kasparov com um pequeno ajuste: "idéia básica é uma ordem meditada de ações para atingir determinado objetivo final"! Quer isto dizer que a "idéia básica" relaciona-se diretamente (sem reciclagens estratégicas) com o resultado esportivo da partida, seu objetivo final onde está incluída a supervantagem!

Mutatis mutandi, quando as operações relacionam-se diretamente com um objetivo intermediário (busca da reciclagem estratégica da partida) temos o "plano de jogo", que pode ser definido também com base em Kasparov, como "uma ordem meditada de ações para atingir determinado objetivo intermediário"!

A conclusão a que se chega é que a definição de Kasparov nos leva a considerar o plano como uma noção estratégica relativamente ao resultado esportivo da partida. Mas dentro do plano a conotação é operacional porque as "ordens meditadas de ações" para se chegar a um objetivo intermediário ou mesmo diretamente ao objetivo final, são todas ações de busca de "objetivos limitados"¹⁵!

Se considerarmos a mesma questão do ângulo da reciclagem estratégica da partida, sucessão de ciclos definidos por objetivos intermediários a

serem conquistados até à consecução do objetivo final (resultado esportivo da partida), a "ordem meditada de ações", de Kasparov, formaliza o plano no seu caráter eminentemente estratégico!

Voltando ao caráter muito elástico da definição de Kasparov no que tange à "ordem meditada de ações", este conceito ainda permite três substituições adjetivadas: "ordem meditada de ações *ofensivas*", "... de ações *defensivas*" e ou "... de ações *contra-ofensivas*"! Desta forma poder-se-á dizer "meu plano é uma *ofensiva*", mas estaríamos claramente nos referindo à uma concepção "operacional", *modus operandi* orientado para um objetivo, fato este que puxaria, inevitavelmente, o conceito de "estratégia operacional" que venho lutando por não empregar!

Com estas premissas no escopo da partida, poder-se-á dizer que a "idéia básica" de Kamsky é a invasão da ala de dama no pressuposto de conquistar uma supervantagem, operacionalizando esse plano (objetivo) por uma ofensiva lateral¹⁶.

Analisando "filosoficamente" o diagrama 1, vemos que negras estão a ponto de romper com ...c5 criando linhas exteriores de comunicações (objetivo limitado) para sua invasão, no todo ou em parte. No momento o avanço é inviável pelo dissuasivo "olhar em raios-x" do ♗g2 fustigando a ♗a8 adversária.

10.♗c1!?

Quando em 1996 reproduzia a partida não sabia que 10.♗c1 era uma novidade teórica (duvidosa!) do grande mestre peruano! Somente em 2002, na primeira redação deste artigo, fiquei sabendo que jogava-se aqui 10.O-O (Maksimenko vs Dautov, Viena 1996), que seguiu: 10...O-O 11.♗e1 c5 12. e4 dxe4 13.♗xe4 ♗b7 14.♗fg5 ♖c7 15.dxc5 bxc5 16.♗xf6+ empate. Devido a essa nova informação, toda concepção estratégica da partida baseada no objetivo de Kamsky vencer, e não empatar, deve ser colocada entre parêntesis porque o que é conhecido levava ao empate! Pode ser que Kamsky, líder no torneio com 5,5 pontos, pudesse estar, na verdade, jogando para o empate, exata-

¹⁴ Supervantagem é a vantagem, geralmente material, reconhecida por ambos como decisiva na consecução do resultado esportivo da partida. No entanto, nem sempre os dois jogadores estão de acordo em interpretar como decisiva o que seria uma supervantagem, o que faz o adversário continuar jogando até ficar absolutamente nítida como tal forçando o abandono.

¹⁵ Objetivo limitado ou operacional é todo aquele ao alcance do lance que, uma vez conquistado, não recicla a partida.

¹⁶ Ofensiva lateral é a realizada no setor contra-lateral ao ocupado pelo rei adversário. Ou mais simplesmente: ofensiva lateral é a realizada no setor onde não se encontra o rei adversário. O ataque na ala de dama é comumente um ataque lateral.

mente como acima mostrado! Ou então, tendo alguma novidade no escopo dessa variante 10.O-O, desejasse mesmo vencer, ganhando o torneio no processo. Mas como saber se nada ficou descrito pelos jogadores?!

Do ponto de vista das brancas, sabendo-se que 10.♖c1 era uma novidade, e que o lance da moda em 1996 apenas levava ao empate, conclui-se que Granda Zuñiga jogava para ganhar! Este fato vem corroborado por sua posição no torneio com apenas quatro pontos e Kamsky na liderança com 5,5 pontos! Derrotar Kamsky era imprescindível. Então, até onde teria chegado sua preparação teórica, em especial sua concepção estratégica?!

10...O-O 11.♖c2

Porque não jogou os naturais 11.♗b2 ou mesmo 11.O-O como naquela partida de empate?! Como justificar a prioridade do exótico 11.♖c2 sobre qualquer daqueles lances?! Por certo que a resposta está na preparação teórica do GMI Julio Granda Zuñiga! Em Massaguaçu, longe de tudo, inclusive na primeira redação (28/12/2002) já em Curitiba, também teríamos apenas que imaginar! Então vamos imaginar: de pronto 11.♖c2 é possível devido à referida relação entre as peças "branca-♗g2 vs negra-♖a8", pois nessa situação a ruptura-c5 negra, e suas continuações, estão parcialmente inibidas. Mas mesmo nesse caso, tanto 11.♗b2 como 11.O-O ainda seriam melhor digeridas que o lance do texto! Então volta-se ao início: que razões levaram brancas a jogar 11.♖c2 sabendo que o GMI Gata Kamsky preparava-se para invadir a ala de dama?!

11...♖c8 12.O-O c5!

Afastada a torre da influência do ♗g2, finalmente Kamsky prossegue na sua ofensiva lateral desenvolvendo a idéia básica de supervantagem no rescaldo das reciprocidades de ações.

13.a4!

Novamente poderia ser sido jogado 13.♗b2. Inclusive 13.dxc5 aproveitando a mobilidade readquirida deste peão. No entanto foi jogado 13.a4 aparentemente com a idéia da ruptura-a5 para expor a coluna-a ou então só dificultar negra-b5, apesar da torre não mais se encontrar em a1.

¹⁷ A "petite combinaison", conceito elaborado por Capablanca, vagava pela literatura especializada como marginal sem endereço e na prática da vadiagem! Com a introdução do nível operacional essa mesma "petite combinaison" adquire personalidade, gravidade própria, está operante e totalmente inserida no contexto da partida!

São estes tipos de pensamento que despontam no momento da reprodução filosófica da partida e nos deixam atentos sobre sua realização ou não!

13 ...cxd4 14.♗xd4

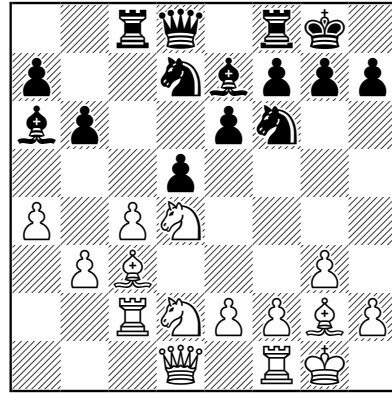


Diagrama 3

14...♗c5!

Prosseguindo com sua ofensiva da ala de dama, agora pressiona brancas com a ameaça de ganhar um peão: 15...dxc4 16.♗xc4 (se 16.bxc4 ♗xa4) 16...♗xc4 17.bxc4 ♗xa4.

15.♗a1

Jogado para contestar a captura ♗xa4.

15...dxc4

As trocas de peões prosseguem para criação de linhas exteriores de comunicações negras.

16.b4!

No espírito da reprodução filosófica da partida, e sem tocar nas peças, mostra-se visível a "petite combinaison"¹⁷: se 16...♗xa4 17.b5! ganhando peça pela influência do vivo ♗g2. Isto enriquece a reprodução filosófica da partida sem prejuízo da observação de seu escopo estratégico e desenvolvimento operacional.

16...c3

Negras além de contornarem a pretensa cilada branca, culminam agora sua ofensiva lateral com a invasão da ala de dama. Ameaça o ganho de material que respalda o plano negro (idéia básica) descrito anteriormente.

17.♗xc3 ♗xa4 18.♗a1 ♗xb4

Negras agora possuem dois peões de vantagem!

29.♖×d4 ♖×d4 30.♞d1 ♖f6 31.♞×d4 ♖×g4
32.♞d7+ ♖f6 33.♞×b7

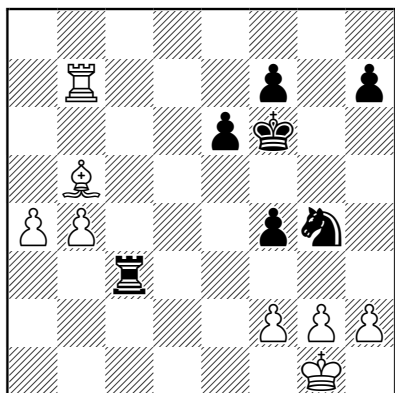


Diagrama 6: Hiato operacional após 33.♞×b7

33...♞c1+ 34.♙f1 ♖e3 35.f×e3 f×e3 0-1

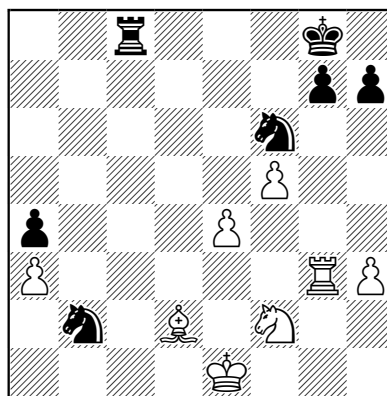


Diagrama 7: Hiato operacional após 37...♖×b2

38.e5 ♖d5 39.f6 ♖f7 40.♖e4 ♖c4 41.f×g7 ♖g8
42.♞d3 ♖db6 43. ♙h6 ♖×e5 44.♖f6+ ♖f7
45.♞c3 ♞×c3 46.g8=♖+ ♖×f6 47.♙g7+ 1-0

Anand - Kramnik

Campeonato Mundial - 6.ª Partida
Bonn 21/10/2008

1.d4 ♖f6 2.c4 e6 3.♖c3 ♙b4 4.♖c2 d5 5.c×d5
♖×d5 6.♖f3 ♖f5 7.♖b3 ♖c6 8.♙d2 O-O 9.h3 b6
10.g4 ♖a5 11.♞c1 ♙b7 12.a3 ♙×c3 13.♙×c3 ♖d5
14.♖×d5 ♖×d5 15.♙d2 ♖f6 16.♞g1 ♞ac8 17.♙g2
♖e7 18.♙b4 c5 19.d×c5 ♞fd8 20.♖e5 ♙×g2
21.♞×g2 b×c5 22.♞×c5 ♖e4 23. ♞×c8 ♞×c8
24.♖d3 ♖d5 25.♙d2 ♞c2 26.♙c1 f5 27.♖d1 ♞c8
28.f3 ♖d6 29.♖e1 a5 30.e3 e5 31.g×f5 e4 32.f×e4
♖×e4 33.♙d2 a4 34.♖f2 ♖d6 35.♞g4 ♖c4 36.e4
♖f6 37.♞g3 ♖×b2

Prestigiem o Clube de Xadrez de Curitiba
participando ora como palestrante, ora como
assistente de suas palestras, uma atividade
inédita nos clubes de xadrez do País.

CICLO DE PALESTRAS
CLUBE DE XADREZ
CURITIBA, 29 DE OUTUBRO DE 2008